

***In memoriam* Marcel Conche (1922-2022), o ideário do Helenismo, dos séculos VII-III a.C.: de Anaximandro a Heraclito e de Parmênides a Epicuro**

Evocamos aqui o metafísico francês Marcel Conche – antigo docente da Sorbonne (e, aí, ex-director da prestigiada UER de Filosofia), um dos mais conceituados pensadores dedicados a autores helénicos em torno da filosofia da Natureza. Fazêmo-lo por ocasião da sua morte, em 27-II-2022, aos 99 anos de idade, um mês precisamente a anteceder o seu centenário.

Já nos anos 60 – e ainda antes de passar ao lugar de assistente do filósofo Éric Weil na Universidade de Lille – ele era reconhecido como um filósofo da Natureza, estudioso tanto de Montaigne como de Lucrécio, o autor do poema *De Rerum Natura*¹. E mesmo que pouco depois, em 1969, ele tenha optado por sair de Lille e fixar-se precisamente na capital francesa, havia em si, em permanência, o espírito livre, o homem do campo, o filho de agricultores, cuja dialética da Natureza era uma das componentes essenciais da sua formação humana, da sua vida.

No âmbito do seu amor aos filósofos clássicos da Hélade, Marcel Conche viveu, alguns anos depois, uma experiência singular. Tratou-se da preparação – na primeira metade da década de 80 (em que ele assumia aí, desde 1969, a docência na Sorbonne) – de mais de seis dezenas de “entradas” para o referido *Dictionnaire des Philosophes*², a convite do filósofo Denis Huisman³, editado em dois volumes, em evocação de André Lalande⁴, por

¹ Conche 1967.

² Conche In Huisman 1984.

³ Huisman I e II. Este filósofo francês (sete anos mais novo que M. Conche, pois nasceu em 1929) tinha-se destacado na década de setenta, no ensino da Filosofia em França, com a edição de um bem conhecido manual intitulado *Le Court Traité de philosophie*, o qual havia sido preparado em colaboração com dois outros autores, André Vergez e Louis Leprince-Ringuet.

⁴ Lalande. Este filósofo (1867-1963), antigo Presidente da Sociedade Francesa de Filosofia, fora o autor de uma bem conhecida obra de referência, o *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*.

uma das maiores editoras parisienses, obra que veio a despertar uma notória aceitação na especialidade.

Marcel Conche, num árduo e amplo esforço, dispendeu para tal empreendimento largos meses, entre 1981 e 1983. Só um pensador de interesses filosóficos abrangentes como ele – quanto ao período da Antiguidade Clássica e pré-Clássica – teria envergadura para assegurar então um tão vasto conjunto de saberes e caudal de trabalho para essa iniciativa⁵, que aliás importa continuar a redinamizar pelo seu aprofundamento entre nós⁶.

Tais contributos constituíram, para essa época, decisivos instrumentos de trabalho, que antecederam, no CNRS, os de Richard Goulet, o autor / coordenador do *Dictionnaire des philosophes antiques*, que passou a editar-se seis anos depois e que, apenas ao fim de duas décadas e meia de trabalho, atingiu a sua fase final⁷.

Um aspecto a considerar – quando se trata da recuperação de fragmentos de escritos de uma cultura escrita hoje parcialmente considerada perdida – é a nossa capacidade potencial de sabermos lidar com toda a “herança grega”, ou seja, a capacidade de nos conservarmos fiéis ao peso e significado dessas mesmas origens. Paul Ricœur, como hermeneuta, apercebeu-se cabalmente dessa mesma responsabilidade.

Nesse contexto, importa demarcar os testemunhos de escrita anteriores a Platão e a Aristóteles, dos quais em muitos dos casos apenas chegaram

⁵ Huisman 1984. As dezenas de entradas redigidas então por M. Conche, podem ser subdivididas em dois grandes grupos (atendendo às letras do alfabeto). No primeiro desses grupos contam-se Agrippa; Albinos; Amafinius; Ammonios l'Égyptien; Ammonios Saccas; Anaximène; Androicos; Antiochios; Antipater; Arcélas; Archélaos; Aristarque; Aristippe; Aristobule; Aristoclès; Ariston d'Alexandrie; Ariston de Chio; Aristoxène; Arius Didyme; Arnobe; Asclépiade; Attale; Boéthos; Carnéade; Clitomaque; Crantor; Cratès; Cratyle; Critolaos; Dicéarque; Diogène d'Appolonie; D'Oenanda; Dion; Épiménide; Évghémère; Favorinus; Hégésias; e e Hermarque. No segundo desses grupos contam-se os pensadores La Boétie; Lacydes; Méliossos; Ménédème; Ménodote; Métrodore d'Athènes; De Chios; De Lampsaque (l'Anaxagoréen et l'Épicurien), De Sceptis; De Stratonice; Modératus; Montaigne; Phédon; Philon de Larisse; De Mégare; Philostrate; Pleistanos; Pyrrhon; Ramus; Sextus Empiricus; Sphairos; Théodore; e Timon de Phlionte.

⁶ Conche e Huisman (s. 1 e 2) 1984. Estamos ainda firmes na intenção de poder vir a reeditar estes textos concheanos, ou seja, uma parte significativa dessas “entradas” (de âmbito clássico e renascentista), votados posteriormente (na 2.^a edição da obra) ao silêncio, devidamente comentados e por ordem cronológica.

⁷ Goulet (dir.) 1994-2018.

até ao século XX fragmentos e, nalguns casos, com textos desgarrados do seu todo textual.

Outra é já a situação dos testemunhos desses textos cujos testemunhos, na materialidade da escrita filosófica, se centram em casos pontuais concretos, em realidades específicas. Detendo-se no papel interventivo entre a memória e a imaginação, Ricœur, com efeito, na secção de um dos seus livros, vocacionada para a temática de “L’héritage grec”, é bem conciso quando refere:

O problema posto pela confusão entre a memória e a imaginação é tão velho como a filosofia ocidental. A filosofia socrática deixou-nos sobre o tema dois *topoi* rivais e complementares, um platónico e outro aristotélico. O primeiro centra-se no tema do *eikon*, fala da representação presente de uma coisa ausente... O segundo, centrado na tese da representação de uma coisa anteriormente apreendida, adquirida ou tomada, defende a inclusão da problemática da imagem no espaço da recordação⁸.

O problema já é divergente, em si, se posto neste contexto num plano de índole comparativa e divergente. Quando se analisam os fragmentos textuais helénicos que subsistiram, dos períodos em que viveram Anaximandro, Heraclito, Parménides e Epicuro (ou seja, dos séculos VII ao III a.C.) – face ao tempo em que viveram Platão e Aristóteles (períodos em que subsistem, por via da regra, obras de teor completo, embora com variáveis em relação a diversos dos seus testemunhos ou lições de texto), os postulados de conclusão e os níveis de confiança já não se afiguram, inquestionavelmente, os mesmos.

Todo e qualquer helenista, em termos de posicionamento, como hermeneuta, ante um fragmento de um dado texto considerado hoje perdido, assume naturalmente uma posição muito mais de reserva, de desconfiança, de questionamento. Tal faz com que tenhamos, assim, de valorizar ainda mais o papel de Marcel Conche, como helenista e hermeneuta, na leitura reconstitutiva destas obras de autores que vão de Anaximandro a Heraclito, ou de Parménides a Epicuro.

⁸ Ricœur 2000: 7-8. Na preparação desta obra específica, o filósofo de *Soi-même comme un autre*, de 1990, contou com a cumplicidade e a colaboração de um dos seus discípulos, Emmanuel Macron. Falamos do intelectual e do político que – ainda antes de assumir o mais alto cargo da política francesa – já nos honrou em 2014, na altura na qualidade de “Ministre de l’Économie, de l’Industrie et du Numérique”, com colaboração no tomo 33-34 da *RPHL* (publicação periódica desde 1997).

É um facto que, grande parte das vezes, M. Conche partiu – para esse seu esforço reconstitutivo – de edições consideradas hoje seguras, como as de Diels / Kranz. Tal não invalidou, no entanto, que, nesse seu itinerário ou tentativa hermenêutica que parte de uma reconstituição textual para a compreensão do texto, haja sempre, e de alguma forma, uma certa margem (mesmo que mínima) de erro.

Tal plano de natureza – quanto a esse período de que subsiste tão restrito número de testemunhos textuais na vertente filosófica ou da vida das ideias – constituía, assim, um caminho inverso do caminho do “esquecer e do apagar dos traços” de que fez menção Paul Ricœur em *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. E, concomitantemente, era o inverso do deliberado apagamento contemporâneo da *presença* de textos ou de fotos (e, em última instância, de pessoas), como ao longo do último século diversos regimes totalitários procuraram fazer caminho de regra⁹.

Quando Marcel Conche aceitou, entusiasmado, o desafio de Denis Huisman para a sua (primeira) participação no *Dictionnaire des Philosophes* (1984), estava ainda longe de saber alguns dissabores que viriam a acontecer. O pior veio a ocorrer cerca de nove anos depois, mas vejamos então, como tudo se passou.

Por razões de política económica e editorial, alguns anos depois, já em 1993, a direcção das PUF deliberou, em conjunto com Huisman, reeditar o seu *Dicionário de Filósofos*, só que, desta feita, não em dois, mas apenas num volume. Aconteceu assim que um dos principais sacrificados com esta decisão veio a ser Marcel Conche, que viu serem anulados ou silenciados nesta nova edição a quase totalidade da sua colaboração, ou seja, 58 das 62 “entradas” anteriormente aí publicadas, ou seja, correspondendo aproximadamente a 93% de supressão desse seu vasto trabalho de levantamento (com uma grande parte na área do pensamento clássico)¹⁰.

Não deve passar despercebido que, quando essa segunda edição francesa de tal obra foi preparada – com tão reduzido número de “entradas” de M. Conche – ela apresentava um prefácio de Bernard Bourgeois. Tratava-se do

⁹ Numa das últimas cartas que o autor escreveu ao filósofo Paul Ricœur, (veja-se a de 2 de fevereiro 2002, *RPHL*, 33-34: 232-235), depois de termos lido o capítulo de *La mémoire, l’histoire, l’oubli* sobre o tema “O esquecer e o apagar dos traços” – centrada a nossa argumentação nas costumadas práticas de supressão de alguns rostos *ofensivos*, em fotos ditas *de regime*, em países totalitários europeus – procurámos estabelecer uma modesta doutrina, de cariz semiológico, sobre esta matéria.

¹⁰ Conche e Huisman 2004.

Presidente da Sociedade Francesa de Filosofia, que leccionava precisamente na Universidade de Paris I Sorbonne, onde o filósofo de Altillac tinha passado a professor emérito e deixado de leccionar a partir de 1988, como já referimos.

Em contrapartida, essa editora parisiense – por via da sua referida colecção “Épiméthée”, dirigida por Jean-Luc Marion – acabou por vir a dar uma maior visibilidade internacional à pesquisa filosófica e à acção editorial de Marcel Conche, no âmbito da Filosofia helénica, com edições em separado de quatro dos mais decisivos pensadores clássicos da Antiguidade, de que nos passamos a ocupar.

Quatro pensadores clássicos (de entre os séculos VII e IV a. C.) e a redescoberta do pensamento na Hélade

Marcel Conche – ainda no período da sua permanência em Paris (até 1988) – em todo esse esforço editorial desenvolveu afirmou-se, sempre, como um estudioso da filosofia do período Clássico e, inerentemente, do pensamento da e sobre a Natureza nesse período. Analisemos assim agora, mais em pormenor, o período de uma intensa fixação deste metafísico em cinco grandes pensadores – e pilares fundadores da Cultura – do mundo helénico, por ele profundamente estudados durante mais de duas décadas, entre meados da década de setenta e fins da de noventa.

Foi o caso de autores, na ordem cronológica em que viveram, como Anaximandro, c. 610 - depois de 550/547 a.C. (que editou em 1991); Heraclito, c. 540 - c. 480/470 a.C. (em 1986); Parménides, c. 530/515 - c. 460/440 a.C. (em 1996); Epicuro, c. 342/341 - c. 271/270 a.C.¹¹ (que primeiramente editou quando ainda ensinava em Lille, em 1977); e Homero (em 1999).

Tratou-se sem dúvida de um vasto período, extensivo do séc. VII ao séc. IV a.C., ou seja, de cerca de quatro séculos. Quanto ao território em que se operava esta grande evolução na área das ideias e do pensamento, esse território helénico não correspondia, obviamente, às reduzidas fronteiras com que a nação ficaria séculos mais tarde: ele prolongava-se pela Ásia Menor e estendia, ainda, uma notória influência ao centro-sul da Itália de

¹¹ Seguem-se, aqui, os períodos de evolução cronológica da vida de cada um destes filósofos. Fazemo-lo cientes, no entanto, de que (como veremos) Marcel Conche não se dedicou a um estudo crítico pormenorizado da obra de cada um deles, mas cingiu-se às motivações hermenêuticas diversas com que então se confrontava.

hoje. Aqueles autores desse período estudados por Marcel Conche – e que foram objecto de edições autónomas (em particular nas PUF, na colecção “Épiméthée”, que havia sido fundada por Jean Hyppolite) – desde há alguns anos já que, sem dúvida, beneficiavam da sua particular atenção pela leitura.



Carta geográfica do império grego na Antiguidade Clássica

Anaximandro (c. 610 – depois de 550/547 a.C.) entre o infinito e os sentidos da Natureza

Principiemos – seguindo o critério temporal, e enquadrando a produção, sempre que oportuno, no quadro cronológico estabelecido por M. Clavel¹² – pela análise de M. Conche aos trabalhos filosóficos legados na obra de Anaximandro, natural da cidade de Mileto na Ásia Menor (localizada a não grande distância de Éfeso onde viria a nascer Heraclito). A sua obra sobre este filósofo foi a última das quatro que Marcel Conche editou, no ano de 1991, como veremos, sobre estes quatro filósofos da Grécia Antiga.

Esta sua edição foi votada a um dos autores helénicos que viveu mais próximo do tempo de Homero. Enquanto este último passou tão prodigamente por este mundo c. do séc. VII a.C., o pensador que agora iremos abordar nasceu na mesma época, c. 610 a.C., o qual teria sido discípulo de Thales.

Tendo o pensador de Altilac votado a este filósofo¹³ a criteriosa edição *Anaximandro — Fragments et Témoignages*, patenteiam-se ao leitor, como

¹²Lévêque 1967: 551-591. Referimo-nos aos “Quadros cronológicos”, da responsabilidade científica de M. Clavel, apresentados por Pierre Lévêque no final de *A Aventura Grega*.

¹³Sobre Anaximandro e a sua filosofia, numa perspectiva mais geral, remete-se para Frère, “Anaximandre”, in *Dictionnaire des Philosophes* (PUF, 1984); nova edição, São Paulo, Martins Fontes, 2004; Antunes, “Anaximandro”, 1983: cols. 149-150; e Prieto 2001: 16-17.

prolegómenos essenciais para a compreensão da filosofia deste autor, uma “introdução”, sobre o meio, o momento de produção e a própria obra. Faz-se aí um estado de ciência, no essencial, sobre os conhecimentos mais seguros acerca do pensador até esta data da publicação, incluindo as mais credenciadas fontes bibliográficas e estudos até então publicados sobre o tema.

Acerca das fontes hoje mais conhecidas como estando associadas a este autor, Marcel Conche foi bem explícito:

Diferentemente de numerosos fragmentos de Heraclito, que são objecto de uma citação directa, o único fragmento anaximandriano de alguma dimensão, ganha forma, em Simplicio¹⁴, no contexto respectivo, mesmo que a sua delimitação pareça incerta¹⁵. Os outros fragmentos reduzem-se a excertos de frases ou, até, a palavras específicas. Devemos hoje o conhecimento da doutrina de Anaximandro principalmente a vários testemunhos, em particular o de Aristóteles [no séc. IV a.C.].

Marcel Conche, após esse estudo introdutório, onde revela aspectos particularmente interessantes da obra deste filósofo grego, passa depois à apresentação de alguns dos textos fulcrais que lhe podem ser atribuídos. Edita, assim, em nove capítulos, alguns desses textos ou fontes (que beneficiam do maior consenso entre especialistas na área), acompanhados dos seus comentários, providos de significativo rigor.

Esses primeiros capítulos são votados, com efeito, a “*L’Arché*” (seguindo Simplicius e Aristóteles, como em diversos outros casos); “*L’Apeiron*”; “*La Physis*”; ou “*Ce que l’Apeiron n’est pas*”. Os restantes capítulos são sobre “*Les mondes innombrables*”; “*Les raisons d’admettre l’infini*”; “*La parole d’Anaximandre*” (cap. VIII); e “*Le Cosmos*”.

Importa ter presente que, no âmbito de uma ideia precisa para a época sobre Natureza, Anaximandro traz já alguns argumentos muito concisos. Assim, a infinitude é a da Natureza¹⁶. Simplicio registou que “Anaximandro disse que a origem dos seres é uma certa natureza do infinito... Ela é eterna e jamais envelhecerá”¹⁷.

¹⁴ Assinale-se que Simplicio – que fez parte, estamos em crer, da geração que sucedeu à de Anaximandro (vivendo no século seguinte) – foi comentador quer de Aristóteles, quer de Epicuro.

¹⁵ Anaximandro e Conche 1991: 51. O filósofo de Altiliac refere-se a este facto, em pormenor, na secção VIII do seu texto sobre as fontes.

¹⁶ Diels/Kranz, n.º 12 A 11.

¹⁷ Frère 1984: 60.

A este argumento junta-se um outro posterior, já de Aristóteles. O Estagirita registou, com efeito, na *Física*, III, 4, 203 b)¹⁸ que o todo “é divino, porque é imortal e imperecível, como disseram Anaximandro e a maior parte dos fisiólogos. Torna-se mesmo difícil saber se todas estas qualificações da Natureza não pertenceram ao próprio vocabulário de Anaximandro”¹⁹.

Heraclito (c. 540 - c. 480/470 a.C.) ou um discurso diferenciado da leitura da Natureza como *devir*, ou seja, uma Natureza *sábica*

Meia dezena de anos antes de Marcel Conche ter publicado esta obra, nas PUF, sobre Anaximandro, tinha feito editar, na mesma colecção “Épiméthée”, um outro trabalho, desta feita sobre a filosofia de um outro bem conhecido pensador clássico grego, Heraclito²⁰.

Este filósofo, com a sua origem em Éfeso na Ásia Menor, foi indiscutivelmente um sábio e cultivou diversos campos da sabedoria helénica. Remontando a Diels e à primeira edição dos seus fragmentos esparsos, em 1901, poderemos aqui, em termos sumários, fazer uma primeira alusão à sua noção de sabedoria: A sabedoria consiste numa única coisa, saber que um pensamento sábio (*gnômé*) governa o todo através do todo²¹.

Para leitores actualizados no pensamento de Heraclito como Marcel Conche e Jean Frère, o discurso, a sabedoria e o viver que presidem ao devir do mundo podem também hoje exprimir-se em termos de natureza (*physis*). A noção de *physis* em Heraclito encontra-se tanto ao nível das coisas nas suas múltiplas transformações (B 1; B 106), assim como ao nível do próprio princípio (B 112; B 123). Nesse contexto específico, Heraclito acaba por declarar: *Bem pensar, a qualidade suprema; e a sabedoria: dizer a verdade e agir segundo a natureza* (B 112). *A natureza adora ocultar-se* (B 123)²².

Na clara e arguta interpretação de alguns dos fragmentos de Heraclito por Marcel Conche, ele deixa bem claro o que – numa leitura constante ao longo da sua maturidade intelectual como metafísico – este lhe ensinou:

A physis é um poder que se cumpre e desperta em cada ser de uma forma bem definida. [Quanto à Natureza que se poderia dizer naturalizadora], ela opera

¹⁸ Aristóteles 1952.

¹⁹ Frère 1984.

²⁰ Heraclito e Conche (ed.) 2005: 434.

²¹ Frère 1984: 866-871; nova edição em 2004: 485-491.

²² Frère 1984: 867-868.

do mesmo modo, unindo os contrários ou opostos, respeitando de cada vez a lei da proporção...; e nisso a Natureza é sábia, ela é tanto uma sabedoria como uma razão viva²³.

Quanto a aspectos mais genéricos sobre o pensamento daquele²⁴, atendamos, ainda e em particular, ao teor do fragmento B10 de Heraclito, respeitante ao conceito de sinapses: “inteiros e não inteiros, concorde discorde, consonante dissonante”. E aí perfila-se, logo de seguida, o grande alcance deste pensamento de que de todas as coisas um e de um todas as coisas²⁵.

Esta reflexão é de igual modo comentada por Marcel Conche. Na colectânea organizada por este²⁶, e detendo-se sobre *Fragments*, n.º 127 (=Diels/Kranz²⁷, n.º 10) ele explicita que um *todo* tem uma unidade natural. M. Conche, relendo os escritos associados a este pensador helénico²⁸, não deixa de reflectir, acerca deste passo, que “todas as coisas são unas ..., mesmo as mais opostas”²⁹.

Parménides (c. 530/515 – c. 460/440 a. C.) e a aproximação a uma Geometria muito específica

Para além de Anaximandro e de Heraclito, Marcel Conche foi encontrar em Parménides algumas respostas a muitas das suas outras interrogações nesse período. Este pensador da antiga Hélade - mesmo vivendo numa área geográfica relativamente distante de Atenas - foi praticamente um contemporâneo do reformador Péricles (c. 495-429).

Parménides tinha nascido em cidade de Eleia, na região costeira do sul de Itália (localizada entre o golfo de Corinto e a região da Campânia). Inclinado para a reflexão filosófica, dele chegaram até hoje fragmentos de um

²³ Heraclito e Conche 2005: 254.

²⁴ Acerca dos múltiplos aspectos sobre o pensamento de Heraclito e, em particular, sobre a filosofia da Natureza neste pensador helénico, remetemos, numa perspectiva abrangente, ainda para Antunes “Heraclito”, 1984: cols. 1820-1823; e Prieto 2001: 206-207.

²⁵ Heraclito 1956: 153.

²⁶ Heraclito e Conche 2005: 434.

²⁷ Referimo-nos de novo a Hermann Diels e Walter Kranz, cujas reflexões (e compilações de fontes) heraclitianas são de uma significativa singularidade.

²⁸ Anos mais tarde, Marcel Conche voltaria de novo a Heraclito, reorganizando a sua edição heraclitiana com novas reflexões pertinentes.

²⁹ Heraclito e Conche (ed.), fragmento 1: 25.

conhecido poema sobre a Natureza, matéria essa que veio a ser posteriormente aproveitada quer por Platão quer por diversos autores neoplatónicos, numa fecundidade de pensamento que se prolongaria por cerca de um milénio.

Nessa transmissão de tais fragmentos parmenidianos muito contribuíram, entre outros, o filósofo latino Sexto Empírico (c. 160-210), que na obra *Adversus Mathematicus*³⁰, difundiu 32 dos versos do respectivo prólogo; e Simplicio, que nos seus *Comentários à Física* (de Aristóteles), I: 2-3, também divulgou extractos daquele pensador grego.

Foi a partir dos fragmentos (ainda) disponíveis de Parménides³¹ que Marcel Conche preparou, a partir dos primeiros anos da década de 90, a sua edição em torno da obra conhecida deste filósofo³². Vejamos, também neste caso, alguns outros aspectos que também consideramos essenciais para o conhecimento da obra desse pensador helénico. A “famosa esfera” de Parménides – e seguimos aqui algumas reflexões de Lucien Jerphagnon – bem poderia ser, ao mesmo tempo, “o objecto imaginário de uma Geometria, o objecto real de uma física, uma comparação homérica para o próprio ser”³³.

Tal como referimos num trabalho anterior e seguindo nesse aspecto Léon Robin³⁴, Parménides especulou sobre a unidade homogénea e a imutabilidade do Ser, dizendo “como a Verdade, se assemelha à massa de uma esfera, bem arredondada e que em toda a parte se equilibra a ela mesma”³⁵.

Chega-se, assim, ao conceito de verdade. Para Parménides – na leitura esclarecida que lhe trouxe Marcel Conche, na sua edição das PUF – ela pode ser perspectivada como “semelhante ao corpo de uma esfera bem redonda, com o ponto central em todos os lugares semelhante”³⁶.

Nesse sentido, existe alguma verdadeira identidade entre tal conceito de verdade e o da própria Natureza. Para este pensador do mundo helénico da Antiguidade, com efeito, “é o próprio mundo que é obra da Natureza, o

³⁰ Empirico 1569. Seguimos na nossa apreciação a edição quinhentista original, bastante rara, de *Adversus Mathematicus*, deste pensador (de que existe um exemplar nas colecções do CEHLE, em Lisboa).

³¹ Jerphagnon, “Parménide”, 2004: 745-748. ainda sobre Parménides e o essencial do seu pensamento remete-se também, numa perspectiva mais globalizante, para Antunes, “Parménides”, in *EL-BC*, 14: 1354-1355 (texto retomado in *idem*, *Obra Completa*, 1, *Theoria: Cultura e Civilização*, 3, *Filosofia da Cultura*: 214-215); e Prieto 2001: 330-331.

³² Parménides e Conche (ed.) 1996.

³³ Jerphagnon 2004: 746.

³⁴ Robin 1932: 105.

³⁵ Matos 2015: 7-137 (em particular p. 31).

³⁶ Parménides e Conche (ed.), 1996: 126; e Matos 2015: 33-34.

qual teve o seu nascimento e deverá morrer”, um mundo que se “encontra sujeito à corrupção”. Daí que tanto o mundo como a sua própria evolução – e Marcel Conche validou sucintamente essa premissa – estiveram sempre sujeitos à própria Natureza.

Epicuro (c. 342/341 – c. 271/270): a fecundidade do saber e um percurso para os desafios do amanhã

O outro esforço de reflexão – neste mesmo âmbito específico da Filosofia helénica – desenvolvido nesse período por Marcel Conche centrou-se em Epicuro, natural da ilha de Samos (localizada a oeste das regiões costeiras da Ásia Menor onde se situa(va)m as já aludidas cidades de Mileto, de Anaximandro; e de Éfeso, de Heraclito). A primeira edição em torno dos escritos deste autor, pelo filósofo de Atiliac, dos poucos textos desse clássico que chegaram até aos nossos dias, já de 1977, é outro monumento a reter neste âmbito.

Existe hoje, com reconheceu Marcel Conche, um vasto leque de estudos que têm sido votados a Epicuro³⁷ e ao epicurismo³⁸, quer por parte de alguns reputados filósofos estrangeiros quer por autores portugueses³⁹. Tais pesquisas têm considerado (inerentemente) a reconstituição do seu pensamento e do tempo em que ele viveu.

³⁷ Conche 1987: introdução. Este académico registou ainda, ao longo dos últimos séculos, alguns dos principais contributos que têm sido dados quer para a sistematização dos trabalhos de Epicuro, que para o estudo da sua obra. É o caso das obras do filólogo alemão H. Usener, *Epicurea*, 1887; ou, em Itália, de M. Isnardo Parente, *Epicuro Opere*, 1974. De sublinhar, ainda, outros relevantes trabalhos editoriais, consagrados a Epicuro, por parte de diversos classicistas: *Épicure, Lettres, maximes, sentences*, edição de Jean-François Balaudé (Paris, Le Livre de Poche); *De la Nature. Lucrèce*, tradução do latim e apresentação por José Kany-Turpin (Paris, GF); *Le Miel et l'Absinthe. Poésie et Philosophie chez Lucrèce*, por André Comte-Sponville (Paris, Livre de Poche); *Épicure*, por Julie Giovacchini (Paris, Éditions Belles Lettres); *Tel un dieu parmi les hommes, L'Éthique d'Épicure*, por Jean Salem (Paris, Vrin); ou a edição *The Cambridge Companion to Epicureanism*, sob a direcção de James Warren (Cambridge University Press). Para além desses trabalhos poder-se-ão ainda relevar os de Hermann Diels /Walther Kranz ou de Marcel Conche – de que aqui tratamos, mesmo que sumariamente – ou, ainda, os textos, relativamente recentes, de Pierre-Marie Morel, “Épicure, du bonheur d'être constant”, in *Magazine Littéraire*, Paris, Outubro de 2010, 56-57; o de Alexandre Lacroix, “La Mort – L'ignorer”, in *Philosophie Magazine*, n.º 44, Paris, Novembro de 2010, 40-42. Veja-se ainda, em termos de síntese, a entrada de Brunschwig, “Epicure”, 1984: 340-348.

³⁸ Delattre 2010 : 58-59.

³⁹ Antunes, “Epicuro”, 1984: cols. 651-653; e Prieto 2001: 142-145.

Já em 1987 – um ano antes da sua jubilação académica na Sorbonne – Marcel Conche havia (re)editado em Paris, agora na prestigiada colecção “Épyméthée” das Presses Universitaires de France (fundada por Jean Hyppolite e posteriormente redinamizada por Jean-Luc Marion), a sua obra *Épicure. Lettres e Maximes*.

M. Conche deixou bem claro, nesta sua edição – tendo estudado cuidadosamente os testemunhos encontrados deste autor nas pesquisas arqueológicas em Herculano e, sobretudo, nos antigos códices do Vaticano – quanto esse autor grego foi claramente inovador nos seus escritos.

Este filósofo natural de Atiliac que aqui homenageamos no seu legado, seguindo o testemunho dos escritos de Epicuro, sugeriu, mesmo que indirectamente e a este respeito, uma divisão psicológica e sensitiva interna no nosso estado presente de sensibilidade fenomenológica. Em primeiro lugar remeteu aí para uma distinção entre a ética, a moral, a metafísica e a religião e a *escolha* das mais diferentes entidades.

Estamos, com efeito, de acordo com Marcel Conche quando sustentou a conclusão de que a verdade “é a escolha do filósofo”. Ele afirmou, por outro lado, que “a felicidade pelo conhecimento e pela sabedoria” é “uma escolha do próprio Epicuro”.

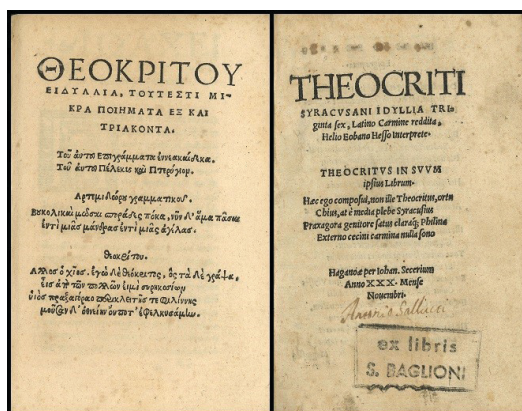
Epicuro e um outro pensador helénico, Teócrito

Para além de um conhecimento mais profundo desses quatro pensadores gregos, Marcel Conche inseriu-nos num esclarecido universo dos testemunhos referentes a um outro filósofo helénico, Teócrito de Siracusa⁴⁰. Admite-se hoje que ele possa ter nascido em Siracusa, c. 310 a. C, na região da Sicília e um pouco a nordeste da vila de Agrigento (onde algum tempo antes, c.

⁴⁰ Vesperini 2021: 94-155. Na sua composição *As Siracusanas ou as Mulheres na Festa de Adónis*, Teócrito faz alusão, por mais de uma vez, à sua cidade natal de Siracusa, que nas suas origens havia sido uma colónia fundada por Archias de Corinto (aliás Bellerofonte tinha sido um dos reis míticos dessa colónia). Este poeta helénico, por outro lado, numa das suas composições, *As Graças ou Hierão*, havia chegado mesmo a propor cantar os feitos do novo Senhor de Siracusa e militar distinto, Hierão II (sabendo-se que este tinha nascido c. 307, que veio a morrer em 216, tendo sido eleito rei em 270 ou 265 a.C.). Saliente-se, de igual modo, que este mesmo literato siracusano teria tido ainda contactos (como se prova, pela presença de Lycidas, nos versos da sua composição sobre a *Festa das colheitas em Cós*) com intelectuais de Sídón (onomástica extensiva a vários locais, mas seguramente associada de uma forma directa a um topónimo da Sicília). Veja-se, ainda, Vesperini (ed.) 2021: 94-95; 137; 148 (n.); 149; e 155 (n.).

490 a. C, tinha nascido um outro virtuoso pensador helénico, Empédocles). Só depois desses primeiros anos de permanência de Teócrito em Siracusa este terá vivido, em períodos de certa forma prolongados, tanto na ilha de Cós como na cidade de Alexandria⁴¹ no norte do Egipto, ao tempo da produção da *Septuaginta*, como veremos adiante.

Tal poderia ter decorrido um pouco antes de Teócrito ter permanecido um significativo período na ilha de Cós a ilha de onde era natural Hipócrates⁴². A sua acção teórica e decisiva influência literária nas gerações seguintes, antecederia em mais de dois séculos o novo desenvolvimento que Cícero (106-43 a.C.) – mais velho c. de oito anos que o romano Lucrécio, também estudado por Conche – viria a trazer ao conceito de *humanitas*⁴³.



Duplo frontispício, em grego (esq.) e latim (dir.), da edição dos textos de Teócrito, de 1530

Aquela circunstância da produção teórica do autor de *Idílios* no século III a. C – tanto na ilha de Cós como na cidade de Alexandria – faz precisamente de Teócrito (na segunda dessas situações) tanto um contemporâneo da preparação da *Bíblia dos Setenta* ou *Septuaginta*⁴⁴, como, ainda, do próprio Epicuro, nascido pouco mais de três décadas antes dele, na ilha de Samos.

⁴¹ Prieto 2001: 411.

⁴² Pereira 1998: 460-467.

⁴³ Demoule 2021: introd. Para este arqueólogo, o sentido de *humanitas* veio a ser definido por Cícero como “virtude de empatia, de compaixão e de solidariedade”.

⁴⁴ Tcherikover 1958: 59-85. Subsiste a tradição – apesar de tudo fictícia – de que, no século III a. C., setenta e dois eruditos judeus (seis de cada uma das 12 tribos de Israel)

ΣΙΝΕΤΩΝΕΔΟΜΗΚ
 ΑΡΤΑΒΑΣΙΑΕΥΟΝΤΟΣΚΥ
 ΠΕΡΣΩΝΕΤΟΥΣΠΩ
 ΤΟΥΕΙΣΟΥΝΤΕΛΕΙΑΝ
 ΗΜΑΤΟΣΚΥΕΝΤΟΜΑ
 ΤΙΙΕΡΕΜΙΟΥΗΓΕΙΡΕΝ
 ΚΕΤΟΠΜΕΥΜΑΚΥΟΥ
 ΕΑΣΙΑΕΩΣΠΕΡΣΩΝΚΑΙ
 ΕΚΗΓΥΣΕΝΟΛΗΝΤΗΜ
 ΑΣΙΑΑΥΤΟΥΚΑΚΑΜΑΙΑ
 ΓΡΑΠΤΩΝΑΕΓΩΝΤΑ
 ΔΕΛΕΓΕΙΔΙΑΔΕΥΟΝ
 ΣΩΝΚΥΡΟΣΕΜΕΑΝΕΛ
 ΣΕΝΕΑΣΙΑΕΑΤΗΣΟΙΚΟΥ
 ΜΕΝΗΣΟΚΥΡΙΟΣΤΟΥ
 ΓΑΡΑΚΕΟΥΤΙΣΤΟΣΚΑΙ
 ΕΣΗΜΗΝΕΝΜΟΙΟΙΚΟ
 ΔΟΜΗΣΑΙΑΥΤΩΟΙΚΟΝ
 ΕΝΕΒΡΟΥΣΑΛΗΜΤΗΝ
 ΤΗΙΟΥΔΑΙΑΚΕΙΤΙΣΕΣΤ
 ΟΥΝΥΜΩΝΕΚΤΟΥΘΕΝΤ
 ΑΥΤΟΥΕΣΤΩΟΚΑΥΤΟΥ
 ΜΕΤΑΥΤΟΥΚΑΙΑΝΔΡΑ
 ΕΙΣΤΗΝΕΒΡΟΥΣΑΛΗΜ
 ΤΗΝΕΝΤΗΙΟΥΔΑΙΑΟΙΚ
 ΔΟΜΕΙΤΩΤΟΝΟΙΚΟΝΤΑ
 ΚΥΤΟΥΙΣΓΑΛΟΥΤΟΣ
 ΟΚΕΟΚΑΤΑΣΚΗΝΩΣΑΝ
 ΕΝΕΒΡΟΥΣΑΛΗΜΟΣΟΙ
 ΟΥΝΚΕΤΑΤΟΥΣΤΟΝΤΕ
 ΟΙΚΟΥΣΙΝΕΘΗΟΙΤΩΚΑ
 ΑΥΤΩΟΙΕΝΤΩΤΟΠΩ
 ΑΥΤΟΥΕΝΧΡΥΣΩΚΑΙ
 ΕΝΑΓΓΥΡΙΩΚΑΙΕΝΑΟ
 ΣΕΟΙΠΜΕΦΙΠΠΩΝΚΑΙ
 ΚΤΗΝΩΝΣΥΝΤΟΙΣΑΛ
 ΛΟΙΣΤΟΙΣΚΑΤΕΥΧΑΣ
 ΠΡΟΣΤΕΘΗΜΕΝΟΙΣΕΙ
 ΤΟΙΣΕΒΡΟΝΤΟΥΚΥΤΟΣΗ
 ΕΒΡΟΥΣΑΛΗΜΚΑΙΚΑΤΑΤΗ
 ΣΑΝΤΕΣΟΙΔΗΧΙΦΥΛΟΙ
 ΤΩΝΠΑΤΡΙΩΝΤΗΣΙΟΥΔΑ

Fragmento da *Septuaginta*, podendo-se observar uma coluna uncial do livro 1 Esdras, no *Codex Vaticanus*, de c. 325–350, base da edição grega devida a Lancelot Charles Lee Brenton

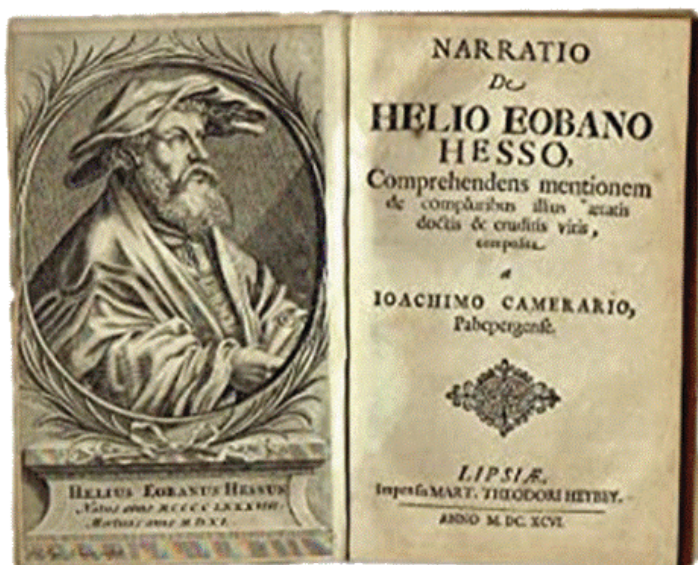
Quanto à produção da compilação da *Septuaginta*, naquele século, tal decorria ainda ao tempo do posicionamento/acomodação do rolo-*liber*, numa materialidade horizontalizante. Só uns bons anos depois, recorde-se, o livro passaria a ser pensado como um objecto cultural e científico de feição verticalizante, tal como é hoje mais conhecido.

Um diálogo continuado com M. Conche

Com Marcel Conche tivemos ensejo de discutir fraternalmente ao longo dos anos, na nossa correspondência (praticamente mensal; outras vezes

estiveram activos nesse período em Alexandria, trabalhando nessa versão da *Septuaginta* em igual número de dias na reunião de manuscritos bíblicos hebraicos então conhecidos e de e de livros compostos originariamente em grego.

quinzenal) algumas das peripécias da vida de Epicuro como de Teócrito de Siracusa. Neste segundo caso, fizemo-lo baseados, sobretudo, nos testemunhos interpretativos de Helio Eobano Ezzo (1488-1540)⁴⁵, Henri Estienne II⁴⁶, de Escalígero⁴⁷, Casaubon⁴⁸, e de Hensius⁴⁹, muito em particular no âmbito da assunção, comum a nós dois, de alguns aspectos do prazer vivencial e de aprofundamento da problemática filosófica e ecosófica da Natureza.



Gravura tardia com retrato de Helio Eobanus Ezzo, um dos principais especialistas germânicos quinhentistas nas obras de Teócrito, numa edição de Leipzig, de 1696

Uma dessas passagens que beneficiaram das nossas discussões foi precisamente o texto de Teócrito sobre *A Festa das colheitas em Cós* que (à semelhança de M. H. Rocha Pereira, esta editou-o parceladamente), também traduzimos. Neste testemunho, o siciliano Lycidas, uma deveras curiosa figura e cultor de uma Natureza imperturbável como Epicuro seu contemporâneo, numa efusiva forma dialogante, havia perguntado a Simikhidas:

⁴⁵ *Theocritii Syracusani Idyllia triginta sext Latino Carmine reddita*: 1630.

⁴⁶ Estienne II 1579.

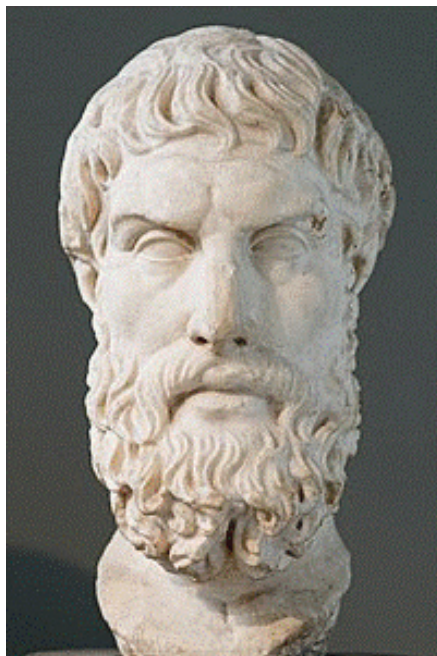
⁴⁷ Escalígero 1604:22-234.

⁴⁸ Casaubon 1604: 235-283.

⁴⁹ Hensius 1604: 291-385.

Onde vais? ... / Irás tu a um repasto sem teres sido convidado? / A não ser que corras / para a prensa de vinho de algum rico cidadão? Quando avanças, / cada pedra do caminho, que magoas com as tuas botas, canta! / E eu retorqui-lhe: Amigo Lycidas, todos o dizem, / tu és um grande, um excelente tocador de flauta, entre os pastores / e os ceifeiros, e isso me alegra. / Creio, no entanto, poder igualar-te. / O nosso caminho leva-nos às festas das colheitas: os nossos amigos / oferecem um repasto em honra de Deméter, / oferecem-lhe as primícias das suas ricas colheitas: a deusa, em abundância, / recheou os seus campos de bela cevada. / Vem, então: o nosso caminho é comum, comum é esta aurora, / e cantemos canções pastoris, pois cada um aprenderá com o outro.

É também esta forma dialogante indirectamente alusiva, na Hélade, ao ciclo da *fertilidade* da Terra, que torna Teócrito contemporâneo de Epicuro. Este último, autor da *Carta a Meneceu*, comunga inequivocamente da ideia de que subsiste uma *fertilidade* na terra benéfica ao homem e que será (é) o retorno aos seus alimentos, na simplicidade, que poderá trazer a felicidade:



Aspecto frontal de um busto de Epicuro de Samos, de finais do século III. Trata-se de uma cópia romana (existente no Museu Britânico), executada a partir de um original grego

(...) Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta (...) Pelo medo de ter de se contentar com pouco, a maioria dos homens se deixa levar a atos que aumentam mais ainda esse medo (...) A verdadeira riqueza não consiste em ter grandes posses, mas em ter poucas necessidades⁵⁰.

Não se tornará desnecessário, pois, reforçar a ideia concheana (ou seja, do autor de *Épicure en Corrèze*) de que ao homem contemporâneo falta, por vezes, a coragem de optar pela via dos prazeres mais simples em detrimento da *complexidade*.

Os homens de cultura — se de certo modo procuram atingir a *felicidade* — não o podem fazer, numa manifesta procura da *verdade* senão pelo caminho do saber ou da sabedoria filosófica e por uma cultura associada ao prazer natural. Patenteia-se, deste modo, em toda a obra de Marcel Conche, escudado no pensamento helénico da Antiguidade — mais especificamente entre os séculos VII e III a.C. — um traço distintivo consolidado em torno duma bem escudada (teoricamente) Filosofia da Natureza.

Tanto Anaximandro como Heraclito, tanto Parménides como Epicuro de Samos e de Atenas⁵¹, e até Teócrito, foram aprofundados, no seu legado imorredouro, por Marcel Conche. Este filósofo da Natureza (autor precisamente de *Présence de la Nature*) — cujo saber veio a ser reconhecido pelas mais altas instâncias do seu país⁵² — estão, afinal, bem próximos nesse caminho e nestes objectivos.

Este antigo docente da Sorbonne e membro da Academia de Atenas, com quem nos correspondemos cerca de duas décadas, teve plena consciência, num plano metafísico, que o caminho (sempre muito íntimo) para a verdade e para a sabedoria da Natureza — num misto de procura e, por vezes, até de sofrimento e já presente, como também provou, no *Tao Te King*⁵³ — nem sempre se consegue alcançar. Ele teve uma plena consciência de que se tornava *possível*, em termos de travessia mental-temporal, segundo

⁵⁰ Conche 2009.

⁵¹ Conche 2009. Este pensador distingue, o Epicuro da teoria do *criterion* da verdade, do Epicuro que fala sobre a utilidade das artes liberais. A este respeito, remete-se ainda para a obra editada por Richard Bett 2010.

⁵² Por um decreto da Ordem Nacional da “Légion d’Honneur” (Presidência da República Francesa), de 3 de abril de 2015 o nome de Marcel Conche foi elevado às “dignidades de Grande Cruz e de Grande Oficial”.

⁵³ Tseu e Conche (eds.) 2003.

o testemunho de Teócrito (c. 310-c. 250 a.C.), o diálogo transdisciplinar com aqueles quatro antigos filósofos helénicos, na sua modernidade em estarmos atentos ao *natural-universal*.

Efectivamente, tal como frisou Epicuro, os princípios profundos para a compreensão (com consciência e com objectividade), dos valores da Natureza são lentos e, por vezes, corrosivos. Só que o futuro talvez ensine que seja um caminho que sejamos obrigados, pelos imperativos da *verdade*, a tomá-lo, no presente-futuro, em conta.

MANUEL CADAFAZ DE MATOS

Academia Portuguesa da História, Lisboa; Real Academia de la Historia, Madrid

https://doi.org/10.14195/2183-1718_80_8

Bibliografia

- Antunes, Manuel (1983), “Anaximandro” in AA.VV. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa: Verbo, vol. 2, cols. 149-150.
- Antunes, Manuel (1984), “Epicuro”, in AA.VV. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa: Verbo, vol. 7, cols. 651-653.
- Antunes, Manuel (1984), “Heraclito”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa: Verbo, vol. 9, cols. 1820-1823.
- Antunes, Manuel (1984), “Parménides”, in AA.VV. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa: Verbo, vol., 14, cols. 1354-1355.
- Aristóteles, *Física*, Henri Carteron (ed.) (1952), Paris: Les Belles Lettres.
- Bett, Richard (ed.) (2010), *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism*, Cambridge University Press, John Hopkins University.
- Conche, M. (1967), *Lucrece et l'expérience*, Paris: Seghers.
- Conche (ed.) (1984), In *Dictionnaire des Philosophes* (dir. de Denis Huisman), Paris : Presses Universitaires de France.
- Conche, M. (ed.) (1986), *Héraclite, Fragments*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Conche, M. (ed.) (1991), *Anaximandre. Fragments et Témoignages*, Paris : Presses Universitaires de France.
- Conche, M. (ed.) (1996), *Parménide, Le poème : fragments*, Paris : Presses Universitaires de France.
- Conche, M. (ed.) (2003), *Lao-Tseu, Tao Te King*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Conche, M. (ed.) (2005), *Épicure. Lettres et Maximes* (1977), Paris: Presses Universitaires de France.

- Conche, M. (2010), *Présence de la Nature*, Paris : Presses Universitaires de France.
- Demoule, Jean Paul (2021), *Homo migrans. De la sortie d'Afrique au grand continent*, Paris: Payot.
- Delattre, “L'écume de l'épicurisme”, *Magazine Littéraire*, Paris: 2010, 58-59.
- Empirico, Sexto (1569), *Adversus Mathematicus*, Paris.
- Esso, Helio Eobano (ed.) / Teócrito, *Theocritii Syracusani Idyllia triginta sexto Latino Carmine reddita: Helio Eobano Hesso interprete... non ille Theocritus, orto Chius, at è media plebe Syracusius Praxagora genetore satus*, Haganae, ofic. de Iohann Secerium, 1530, [194 fls.], texto em latim e grego, Fundos da Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa /Biblioteca de Estudos Humanísticos, n.º 17699.
- Goulet, Richard (dir.), *Dictionnaire des philosophes antiques*. T 1: Abam(mon) a Axiothéa, Paris, 1989; t. 2: de Babélyca d'Argos a Dyscolius, Paris, 1994; t. 3: d'Eccélos a Juvénal, Paris: 2000 (1071 pp.); e *Supplément*, com colaboração de Jean-Marie Flamand e Maroun Aouad, Paris, Éditions, 2003 (803 pp.) ; t. 4 : de Labeo a Ovidius, Paris 2005; t. 5: de Paccius a Rutilais Rufus, 2012, Paris, CNRS Éditions, 1994-2018.
- Huisman, Denis (dir.) (1984), *Dictionnaire des Philosophes*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Lévêque, Pierre (1967), *A Aventura Grega*, Lisboa: Edições Cosmos.
- Matos, Manuel Cadafaz de (1987), “Leopoldo Battistini, em demanda de uma outra dimensão na arte e na vida”, *Leopoldo Battistini* (catálogo de exposição), Jesi, Itália, 178-191.
- Matos, Manuel Cadafaz de (2011), “A natureza, o sentido da *unidade*, o clássico *Tao Te King* e o filósofo francês Marcel Conche”, in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XIV, vol. 28, Lisboa: CEHLE.
- Parente, M. Isnardo, *Epicuro Opere*, 1974.
- Pereira, Maria Helena da Rocha, “A caminho das Talésias”; e “Verão no campo” [Idílios, VII, i-26; e id. VII, 130-46], *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra: 1998: 460-467.
- Prieto, Maria Helena Ureña (2001), “Anaximandro”, *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa: Verbo, cols. 206-207.
- Prieto, Maria Helena Ureña (2001), “Teócrito”, *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa: Verbo, cols. 411-415.
- Ricoeur, Paul (2000), “L'héritage grec”, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris.
- Robin, Léon (1932), *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*, Paris: Albin Michel.

- Tcherikover, Victor (1958), “The ideology of the letter of Aristeas”, *Harvard Theological Review*, 51. 2, Harvard: 59-85.
- Teócrito, Heinsius, Daniel (ed.) (1604), *Scholae Theocriticae, sive Lectionum Theocriticarum liber unus*. Cfr. Moschi, Idem, Bionis (ed.), *Simmii quae extant cum grecis in Theocritum schollis*, Heidelberg, 291-385.
- Teócrito (1579), in Estienne, Henri II, *Theocriti aliorumque poetarum idyllia, eiusdem epigrammata. Simmiae Rhodi ovum, alae, securis, fistula. Dosiadis ara. In Virgilianas Theocriti imitationes observationes Henrici Stephani, in quibus multi utriusque poetae loci diligenter examinantur. Eiusdem emendationes quorundam Theocriti locorum*, Lyon.
- Teócrito, Scaliger, Joseph (ed.) (1604), *Emendationes ad Theocriti, Moschi, et Bionis Idyllia*. Cfr. Heinsius 225-234.
- Teócrito, in Casaubon, Isaac (ed.) (1604), *Theocritarum lectionum libellus*. Cfr. Heinsius, 235-283.
- Teócrito, Gow, A. S.F. (ed.) (1952), *Bucolici Graeci*, Oxford.
- Teócrito, *Les Magiciennes et autres idylles* (2021), Pierre Vesperini (ed.), Paris: Gallimard.
- Usener, H. (1887), *Epicurea*: Lipsiae.